

**DO ENSINAR E DO APRENDER TEATRO NA SALA DE AULA:
CRIANDO E IMPROVISANDO NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO
TAVARES**

**OF TEACHING AND LEARNING THEATRE IN THE CLASSROOM:
CREATING AND IMPROVISING IN STATE COLLEGE ODORICO
TAVARES**

Ana Lucia Ribeiro da Silva¹

Resumo: este artigo relata a experiência da improvisação teatral como propulsora do processo criativo, utilizando a metodologia adquirida pela experiência do exercício pedagógico na disciplina arte-teatro no Colégio Estadual Odorico Tavares na cidade de Salvador. Verifica-se a repercussão da metodologia desenvolvida através dos jogos e da improvisação teatral aplicados em sala de aula, em atividades que estimulam as potencialidades dos estudantes; demonstra-se a apropriação dos elementos constituintes da prática teatral, em que o processo colaborativo é valorizado. Inicia-se o estudo com a improvisação teatral planejada de onde seguimos para a improvisação sem acordos prévios. Chacra, Reverbel, Spolin e outros teóricos do teatro nos acompanharam nesta jornada. A pesquisa destaca a importância do teatro na educação e busca as contribuições para os adolescentes do ensino médio como parte de um método de educação ativa, com o uso dos jogos de improvisação. As reflexões resultantes deste trabalho levantam questões da realidade que envolvem a pedagogia do teatro, e que nos conduz a uma nova postura, um novo olhar sobre os processos de investigação, e sobre a prática teatral em si.

Palavras-chave: Jogo teatral. Improvisação. Processo Criativo.

Abstract: this paper reports the experience of theatrical improvisation as propelling the creative process, using the methodology acquired by the experience of teaching exercise in art-theater discipline in State College Odorico Tavares in the city of Salvador. There is the effect of the methodology developed through games and theatrical improvisation applied in the classroom, in activities that stimulate the potential of students; It depicts the appropriation of the elements of theatrical practice in the collaborative process is valued. Begins the study of the theatrical improvisation planned where we follow for improvisation without prior arrangements. Chacra, Reverbel, Spolin and other theorists of the theater accompanied us on this journey. The research highlights the importance of theater in education and seeks contributions to high school students as part of a method of active education with the use of improvisation games. The reflections resulting from this work raises questions of reality involving pedagogy of theater, and that leads us to a new approach, a new look at the research process, and the theatrical practice itself.

Keywords: theatrical game. Improvisation. Creative process

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) – UFBA. Licenciada em Educação Artística habilitada em Artes Cênicas pela Universidade Católica do Salvador e Especialista em Artes-Teatro pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Mídias na Educação, UESB. Regente de classe da Secretaria de Educação no Estado da Bahia.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha caminhada como professora de artes no começo dos anos noventa, percebi que através da prática teatral conseguia estabelecer um vínculo educativo de uma forma muito especial com meu aluno. Observava a emoção profícua envolvida no processo de criação durante as práticas artísticas na escola, o que tornava essa aprendizagem realmente valorosa para os alunos envolvidos. Passei então a apurar motivos, aperfeiçoando meus conhecimentos, transformando as práticas e reavaliando resultados.

Acredito na capacidade do teatro de liberar as potencialidades da criação e transformar positivamente a realidade a sua volta. Os jogos de improvisação motivam e incentivam o estudante para que este seja capaz de expressar as próprias experiências e capacidades, adormecidas pela falta de estímulo, assim, compartilho minhas experiências e descobertas e sou tocada pelas experiências dos estudantes, pelo repositório que apresentam e pelas suas descobertas.

Nesta elaboração textual faço uma tentativa de organizar estas experiências, dando a conhecer nossas motivações nas diversas possibilidades de interação a partir da ação e reflexão, teoria e prática. Quando se inclui o teatro de improvisação na escola, é possível destacar diversas especificidades de trabalhos que são vantajosos para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, além de ajudar na constituição da própria forma de pensar e agir a partir da observação dos trabalhos práticos em sala de aula.

A intervenção foi composta por etapas definidas, no período compreendido entre março a dezembro de 2015, durante as aulas de arte-teatro em uma das turmas do 1º ano do Ensino Médio, designada pelo colégio pela sigla IM3, turno matutino, do colégio estadual Odorico Tavares. As aulas ocorrem duas vezes por semana e possuem duração de cinquenta minutos. Além do espaço da sala de aula o colégio possui um anfiteatro, que utilizamos algumas vezes para as aulas práticas e para a exibição de vídeos.

A obra do autor baiano Adonias Filho, romance escolhido pela professora da disciplina Língua Portuguesa da turma, tema para a criação das cenas improvisadas em sala de aula, conforme projeto de integração interdisciplinar criado para estimular a leitura nos estudantes através do teatro, que relata as questões da cidade de Salvador referentes àquela época, possui personagens pitorescos e valorizam as nossas praças, igrejas e a espontaneidade do nosso povo. Trata-se do romance, O Largo Da Palma, composto por seis histórias, sendo escolhida pela turma a novela intitulada “O largo de branco”.

Na segunda fase da proposta da pesquisa a improvisação será espontânea, ou seja, um tema será proposto por mim aos estudantes, sendo o roteiro construído coletivamente pela turma dessa forma, diferentemente da primeira fase em que há a limitação de um roteiro prévio, os alunos terão maior liberdade para a criação das cenas. A intenção foi criar estímulos diferenciados nas duas fases

descritas, o que propiciou uma observação mais detalhada do comportamento do grupo em relação ao processo criativo.

No âmbito do desenvolvimento de um projeto de intervenção social, analiso o processo de criação que utiliza a improvisação teatral enquanto metodologia, levando-se em conta a evolução dos participantes. Com ações que permitem a atuação efetiva dos estudantes, valorizando seus conhecimentos e experiências, envolvendo-os nas discussões, identificação e busca de soluções e necessidades suscitadas para saber olhar e transmutar o seu espaço, criar ações e mobilizar as pessoas e a comunidade a sua volta.

Em sala de aula priorizo atividades que estimulam as potencialidades interiores dos estudantes; demonstro a apropriação dos elementos constituintes da prática teatral, valorizando o processo, através do envolvimento dos alunos, no seu diálogo com o mundo. Além disso, busco discutir apresentações de criação colaborativa.

Autores que abordam o ensino do teatro foram devidamente consultados e citados. Olga Reverbel (1989), Viola Spolin (1999), Beatriz Ângela Vieira Cabral (2006), Sandra Chacra (2007), entre outros, serviram de base para o entendimento de que a prática teatral necessita ser inserida de forma mais ampla, na formação dos indivíduos.

JOGO, IMPROVISACÃO E PROCESSO CRIATIVO

Comecei a lecionar no colégio Odorico Tavares em 2010, tempo em que iniciei junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a função de supervisora e assim implantei mudanças na minha vida profissional que transformaram a minha visão a respeito da condução das minhas aulas na escola pública, de forma que conquisei um novo patamar de conhecimento e descoberta que me conduziram à aprovação no Mestrado profissional em Artes (PROFARTES) desde então, trabalho com a improvisação de cenas a partir de uma metodologia própria, com apresentações ao final de cada ano letivo. Ao Início do ano letivo de 2015, solicitei aos meus alunos de faixa etária entre 14 e 18 anos, de três turmas do 1º ano do Ensino Médio que respondessem a um questionário inicial sobre o interesse e a experiência deles em relação a arte e ao teatro. Questionei o que significava arte para eles, que conhecimento possuíam dos elementos teatrais, se já haviam apreciado peças teatrais e com qual dos elementos teatrais mais se identificavam.

Do mesmo modo foi apresentado à turma um questionário final em que repetimos alguns dos questionamentos iniciais e acrescentamos outros referentes à Improvisação, e as relações desenvolvidas com os jogos e os processos criativos. Os resultados provenientes da análise das respostas obtidas após aplicação do questionário (reproduzido no anexo deste trabalho), e apresentados por meio de uma classificação qualitativa – com o intuito de mantermos a visão do todo – confirmam a ideia de que o teatro auxilia o desenvolvimento humano, estimula a expressão da

criatividade, trabalhando de forma lúdica os conhecimentos além de proporcionar alegria e prazer a quem vivencia o processo de ensino-aprendizagem que o envolve. A interpretação das respostas dos estudantes nos questionários permitiu-nos reconhecer a importância e o valor do teatro na formação dos estudantes.

Um constante questionamento dos alunos em todas as turmas ao anunciar os nossos ensaios e preparações para as apresentações teatrais sempre se relacionava à memorização do texto. Sabe-se que o teatro dito tradicional está convencionado a cenas com falas decoradas fato este que, para a maioria dos alunos do 1º ano do Ensino Médio do colégio representava um obstáculo intransponível. Assim, percebia a expressão de contentamento dos alunos ao me referir a ausência de cenas com texto memorizado.

Para Michael Chekhov (1996) se um ator apenas declamar e executar as marcações dadas pelo diretor, sem procurar oportunidade para improvisar faz de si mesmo um escravo das criações, de outros e de sua profissão, uma atividade emprestada. Engana-se ao pensar que o autor e o diretor já tenham improvisado para ele, sobrando muito pouco espaço para que ele se expresse livremente. Como ele declama suas falas e como cumpre as instruções são as portas abertas para um vasto campo de improvisação.

A ação teatral improvisada estimula o surgimento de novas ideias, nada é previsível, são experiências com o cotidiano dos alunos que testam o lugar do novo, no aqui e agora numa iniciativa de ação/reflexão que encontram diversos desafios e precisam recorrer à memória, aos limites da realidade individual e de grupo.

Para Sandra Chacra (2007) a improvisação teatral pode ser vista e pensada de várias formas, ora como mero elemento “implícito” ou mero recurso “explícito” no teatro formalizado, até a abrangência da criação, do processo criativo, que configura, um reflexo da ação vivida no cotidiano do aluno e experienciada na sala de aula, ou seja, que provém da realidade personalizada, única.

Assim, em sala de aula quando, durante o exercício em que solicito a criação de três quadros que marquem, cada um, o início, o meio e o fim de uma história relacionada ao cotidiano deles, com a formação de grupos de cinco ou seis alunos, o que se observa é que eles recorrem à memória de fatos que lhes chamam a atenção e/ou de alguma forma os marcou na sua trajetória de vida e quando lançam ao grupo suas indagações buscando a aprovação sobre o uso da sua história para a representação, interação e ao mesmo tempo adquirem auto confiança quando percebem que as vivências em sua maioria, coincidem com a dos colegas, é um momento em que refletem, sentem-se acolhidos e liberam a imaginação.

Estabelecer o talento ou a falta dele, como critério de participação dos alunos na produção do teatro na escola é um critério incompatível com os objetivos descritos nos Parâmetros Curriculares

Nacionais - PCNs Arte, no qual as atividades de teatro são consideradas fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo.

Beatriz Ângela Vieira Cabral (2006) diz que a investigação por meio da atividade dramática tem a particularidade de envolver os alunos com áreas complexas da experiência humana e que este acesso, propicia a descoberta de questões e assuntos relevantes às suas necessidades. Diz ainda tratar-se de um processo cíclico e contínuo, pois a natureza do drama se envolve com o descobrir e redescobrir novas dimensões no que está sendo investigado. Continua dizendo que o drama se volta para a diversidade da experiência humana, ele tende a provocar novos níveis de questionamento em vez de promover respostas.

Portanto, entendo que a produção de teatro na escola está diretamente relacionada ao objetivo geral da educação escolar, ou seja, considerar o processo que conduz o aluno a uma formação consciente e organizada integrada a uma atitude crítico-reflexiva.

A partir da minha experiência teatral com alunos do ensino básico é possível contornar as diversas situações conflituosas que surgem, sendo viável o desenvolvimento cognitivo dos alunos através das possibilidades de criação que o teatro de improvisação possa oferecer. Assim, o aluno será capaz de divertir-se, inventar, vivenciar através do jogo, utilizando a linguagem teatral,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte de encontro, calar muito, ter paciência, dar-se tempo e espaço (BONDIA, 1998, p. 24).

Para Jean-Pierre Ryngaert existe “uma impossibilidade de superar a angústia causada pelo olhar do outro ou o sentimento de ser ridículo a seus próprios olhos, a famosa consciência errada de si.” Por não desejar acionar esse tipo de mecanismo, aprimoro o meu senso crítico na forma em que apresento o jogo, para que ele não se sinta constrangido ou privado de liberdade para atuar (RYNGAERT, 2009, p. 42).

Confirmando o que Ryngaert diz a respeito do constrangimento que o aluno possa sentir durante a sua atuação, coletei o depoimento de alguns alunos, ao final do processo:

“Foi um grande prazer participar por que eu me diverti e pude enfrentar um pouco a vergonha e timidez. [...] foi mais confortável também pelo fato que não foi preciso decorar as falas, foi tudo mais natural...” (Ana Carla aluna do colégio Odorico Tavares).

“A apresentação foi boa porque quase todos os colegas participaram e deram o melhor deles para a peça ser uma maravilha, [...] o melhor foi que ninguém decorou as falas, foi tudo improvisado.” (Amanda Larissa, aluna do colégio Odorico Tavares)

Assim, utilizo as palavras de Chekhov, acreditando que a mediação em teatro ajuda o aluno a lidar com as suas convicções a respeito de si mesmo e do que ele realmente deseja,

Cada um de nós possui suas próprias convicções, sua própria visão de mundo, seus próprios ideais e sua própria atitude ética perante a vida. Esses credos profundamente enraizados e, com frequência, inconscientes constituem parte da individualidade do homem e de seu grande anseio de expressão (CHEKHOV, 1996, p. 41).

Viola Spolin (2010) desenvolveu um método que parte de jogos simples até os mais complexos, sendo um sistema de atuação que está comprometido com a educação, uma proposta educacional a partir de sua vivência com crianças e jovens em que constituiu grupos de teatro improvisacional. Spolin foi uma inovadora, pois questionou o teatro na área educacional e trouxe a possibilidade do teatro fora do palco tendo o foco e a regra do jogo como ponto de partida, tem uma pedagogia baseada na prática com os jogos teatrais, diz que o jogo deve ser constituído pela improvisação para que tenhamos acesso à espontaneidade e ao intuitivo, dando ênfase a uma intencionalidade simbólica em que a criatividade,

[...] é frequentemente considerada como uma maneira menos formal de apresentar ou usar o mesmo material, talvez de modo mais engenhoso, ou inventivo - um arranjo, diferente dos mesmos blocos. Criatividade não é apenas construir ou fazer algo, não é apenas variação de forma. Criatividade é uma atitude, um modo de encarar algo, de inquirir, talvez um modo de vida - ela pode ser encontrada em trilhas jamais percorridas. Criatividade é curiosidade, alegria e comunhão. É processo-transformação-processo (SPOLIN, 2007, p. 30).

Percebo que através do jogo e da improvisação tenho livre acesso ao poder criativo que emerge dos alunos em sala de aula pelo diferencial apresentado através de práticas distintas que desenvolvemos durante as aulas de teatro na escola.

A efemeridade do processo que envolve a improvisação no teatro, seja ele tradicional ou não, é um fato. Para mim é isto que garante uma ação única, verdadeira, espontânea, pois ela nunca será repetida da mesma forma e a cada nova apresentação teatral a criatividade sempre poderá estar presente,

O jogo conforme a professora Olga Reverbel (1997), implica antes de tudo no prazer em estar fazendo. Ela conjuga com o jogo as atividades da música, da dança, das artes plásticas, mímica, literatura etc. Inclui temas religiosos, políticos e sociais. São como a autora diz, atividades globais de expressão, que visam fornecer estímulo às habilidades artística do educando, em quatro etapas: estímulo, sensibilização, objetivo e roteiro.

Ao desenvolver os jogos e exercícios de criação da professora Olga Reverbel, percebo que os alunos se tornam mais afetivos, devido à natureza dos jogos que buscam o autoconhecimento e a integração entre os jovens, havendo a liberação das emoções, conseqüentemente há uma carga de

afetividade que também é liberada. Daí, por estar muito próxima a todos eles num papel de mediadora, posso demonstrar a importância da aproximação com meu grupo de alunos. Dito isso, concordo com os estudos de Henri Wallon,

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, ensejam mudanças que tendem a reduzi-las. Sobre elas repousam arrebatamentos gregários que são uma forma primitiva de comunhão e comunidade. As relações que elas tornam possíveis aguçam seus meios de expressão, fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 2007, P.124).

Henri Wallon (2007) diz que o contágio emotivo é como uma espécie de contágio mimético, quando estabelecido, e como consequência temos a participação. O sujeito estará inteiro, unido em sua emoção, confundido por ela com o ambiente humano de onde a situação emocional resulta. Alienando-se nelas o sujeito é incapaz de apreender a si mesmo como distinto de si mesmo e de outrem.

O aluno precisa abandonar a carteira de estudante e dar posse ao seu corpo em movimento, testar a sua voz, tocar o colega, enfim, dar posse ao contágio emotivo de que nos fala Wallon. Para favorecer todo o processo, tento ouvi-lo, conhecê-lo.

Acredito que a comunhão de sentimentos que surgem aliados às efetividades desenvolvidas com os jogos, ajudam na performance da cena, pois a confiança estabelecida entre os envolvidos nos jogos estará sempre em um movimento crescente.

Para Sandra Chacra (2007) a improvisação teatral é o resultado de uma prática voluntária e premeditada de criação, onde a espontaneidade e o intuitivo também exercem papel de importância, como algo que vai surgindo no decorrer da criação artística, aquilo que se manifesta durante os ensaios para se chegar à criação acabada. Com a conjugação do espontâneo e do intencional, o improviso vai tomando forma para alcançar o modelo desejado, passando a ser traduzido numa forma inteligente e esteticamente fruível. A minha prática teatral em sala de aula dá ênfase a descoberta, criação e exploração. Exime de controlar ou ser controlado. Abandona o previsível, com a certeza de que os fins não precedem os meios.

Atuo como mediador de um trabalho que enfatiza o respeito mútuo, exemplifico a ampliação da percepção dos alunos, que após a chegada, são acolhidos e o espaço organizado, executo exercícios de aquecimento e preparação: caminhada pelo espaço com foco em um ponto, observam o espaço e depois fecham os olhos e dizem para todos quais os elementos que constam em sala de aula, no segundo momento conversamos a respeito da visão periférica no fazer teatral, finalizo com uma avaliação processual e gradativa. Assim,

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si e de relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-

los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. Ganhamos concomitantemente um sentimento de estruturação interior maior; sentimos que nós estamos desenvolvendo em algo de essencial para o nosso ser. Daí se torna tão importante, para o artista ou para qualquer pessoa sensível, saber do trabalho de outros, ter contato com seres criativos, não no sentido de uma rivalidade, mas no sentido de um crescimento interior que também em nós se realiza quando podemos acompanhar a realização de outro ser humano (OSTROWER, 2014, p.142).

A vivência como regente de classe em teatro faz com que floresça em mim o desejo de tornar a experiência teatral uma importante atividade educacional, inserindo tal prática no cotidiano dos alunos e também da comunidade escolar. Ao início das atividades sofro com as críticas de funcionários, colegas professores, pelo movimento intempestivo dos estudantes, as vezes correndo por todos os lados do colégio, causando uma rotina diferenciada, mas ao final do ano quando ao perceberem as mudanças comportamentais e abandonam as críticas e tecem elogios sinceros.

POR UMA METODOLOGIA DO DESEJO

A metodologia do desejo nasceu do entrelaçamento da vontade de atuar dos estudantes, a partir do estímulo dado através do contexto dos elementos teatrais que através dos meios que disponho e pela experiência, torno atraentes para eles. A cada novo ano os estudantes são estimulados por elementos distintos, a partir de características de cada turma, assim, em 2014, foram despertados pelo figurino da montagem, em que todos desejavam pesquisar o vestuário da época da montagem havendo uma “disputa” entre eles, uma competição saudável pela melhor caracterização dos seus personagens através do figurino.

No ano de 2015 o desejo de atuar foi despertado através de vídeos de maquiagem coletados da internet sobre a maquiagem teatral e de um mini curso ministrado por um antigo estagiário da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia, bastante motivador para o grupo, despertando-os, motivando-os a pesquisar outras ferramentas da maquiagem teatral. A maquiagem foi a alavanca motivadora que abriu as portas do desejo de atuação de alunos que não possuíam esta ambição, e através desse estímulo introduzi a improvisação teatral, despertando integralmente a vontade de cada aluno de estar atuando colaborativamente para a efetivação do processo teatral.

Na metodologia que emprego, os alunos no momento dos jogos e também dos ensaios, desempenham o papel de espectadores, quando subdivido a turma e eles observam os colegas, sendo através desse contato que o ato de criação se concretiza, o que também caracteriza as atitudes e habilidades deste espectador, adquiridas a partir da sua cultura e experiência de vida.

A Improvisação Teatral e o jogo sempre fizeram parte de minha metodologia de ensino nas aulas de arte/teatro, sendo estimulada a cada jogo lançado em sala de aula, a cada atividade executada pelos alunos, por acreditar na força criadora que os envolve. O aluno estará diante de escolhas e terá autonomia, permitindo lidar com as suas emoções, para optar pelo caminho que lhe seja mais

prazeroso, sendo a sua própria experiência e suas emoções responsáveis pela melhor solução para os problemas que surgem no jogo.

Assim, a comunicação em sala de aula ocorre na dimensão diversificada do olhar, trabalho não apenas um tipo de expressão, oportunizando a experimentação das variadas manifestações teatrais pelos adolescentes. Acabamos por romper com o conceito que vê o teatro de uma única forma, criando outras possibilidades para eles.

No processo ensino-aprendizagem me preocupa saber qual experiência estou considerando quando conduzo meus alunos ao processo de criação teatral. Será a minha apenas ou a do coletivo? Pois, nesse envolvimento também estou formando espectadores e assim, nada me dá a certeza de que este será um público mais atento e questionador. Isso não é factível. E a respeito da construção teatral ninguém me garante que eles possam ter o conhecimento necessário para tal. E qual seria o meu papel como mediadora teatral? Acredito que seja o de acompanhá-los nesse mundo de ficção, deixando fruir o potencial de sensibilidade, o meu e o deles.

Fayga Ostrower (2014), diz que em nosso consciente, a memória desempenha um papel destacado quando consegue fazer com que interliguemos o nosso passado, fazendo com que compreendamos o presente, que toca o futuro e novamente se torna passado e assim se torna apto a reformular as intenções do seu fazer, recolhendo de experiências anteriores a lembrança de resultados obtidos capaz de orientá-lo em ações do dia a dia da vida.

Desta forma, comecei a desenvolver uma metodologia que tenta buscar uma memória individual/coletiva na sala de aula, e também capaz de desenvolver no estudante o senso crítico/reflexivo.

Tem importância fundamental na metodologia que emprego o resgate da imaginação, por vezes perdida com o fim da infância, para que aconteça uma intervenção transformadora que torna o homem capaz de criar e inovar a partir da sua própria vontade, da sua intuição e percepção diante do mundo que interage com ele, e faço isso através de jogos e de pequenos laboratórios de resgate infantil através de objetos que relembram a memória de brincadeiras da infância dos estudantes.

A imaginação abre as portas para a improvisação e exercitá-la é necessidade no fazer teatral, uma frase, um olhar, um aceno, provocam e aguçam a imaginação. Para os jovens do Ensino médio, adolescentes que estão na idade do sonho, imaginar faz bem, cria possibilidades antes inexistentes. Imaginar e criar é um pressuposto para a improvisação teatral, se o aluno se vê submetido a um controle do que dizer ou fazer, ele pode paralisar e deixar de jogar o bom jogo, quando no palco, e dentro do jogo, ele pode ter um bloqueio mental.

Complementando a metodologia do desejo, espero que meu aluno acredite no que está fazendo em cena, que se sinta confiante e seguro das suas decisões. Portanto, não me permito desestimulá-lo, mesmo que ele não esteja coerente em cena ou que apresente falhas na interpretação. Porém, no

momento em que a executa estímulo para que continue atuando e depois da cena terminada procuro dialogar até chegarmos à melhor solução, condizente com o pensamento do grupo, sem deixar ninguém de fora e compartilhando sempre as escolhas e decisões.

EM BUSCA DO ELEMENTO MOTIVADOR

No momento da aplicação dos jogos de improvisação, modifico o exercício idealizado por autores da pedagogia teatral, e de acordo com o “momento da turma” muitas vezes improviso o exercício fazendo pequenas adaptações que podem colocar a turma no jogo de forma mais efetiva e significativa para eles.

Como exemplo cito a atividade da professora Olga Reverbel em que é dado o comando aos alunos para que representem com seus corpos, diferentes objetos. Na atividade a autora pede que os alunos representem os objetos estáticos, logo após solicita que repitam o exercício com a movimentação característica de cada objeto em funcionamento como no caso de um liquidificador, por exemplo. A repetição entediava os estudantes, desta forma solicito de imediato que coloquem os movimentos próprios de cada objeto quando em funcionamento.

Estas pequenas modificações fazem com que a linguagem se apresente de forma mais atraente para os jovens. Solicito ainda que acrescentem um objeto desconhecido de todos à lista, para que os espectadores possam identifica-lo no momento da apresentação. Este é um exemplo de jogo que se tornou um “coringa” para as minhas aulas de início de ano, por agradar perfeitamente a faixa etária dos meus alunos.

Após a adequação do espaço às atividades práticas em que utilizarão seus corpos em movimento nos jogos propostos, os alunos executam exercícios de aquecimento corporal e vocal com música, e dançam e espreguiçam pelo espaço, a seguir realizam dois exercícios que ajudam a trabalhar a atenção: 1- cabo de guerra sem corda, em que os grupos puxam uma corda invisível. Não há vencedores, só a interpretação do jogo em si; 2- Apenas um apenas dois: os alunos ficam imóveis, apenas um deve caminhar entre os demais, quando ele para, outro imediatamente começa a caminhar, mas apenas um deve estar em movimento Tudo feito em silêncio, é preciso estar atento ao coletivo.

Despertada a atenção e observação dos alunos, trabalhamos o jogo de improvisação chamado variações do mesmo tema, em que a partir de uma fala ou de uma cena improvisada com dois ou três alunos, repete-se a mesma cena com emoções diferentes. Inicialmente a fala/cena deve ser dita ou feita de modo natural, então proponho a mesma fala ou cena feita com tristeza, por exemplo, ou com alegria, no ônibus lotado, numa festa e o que mais a imaginação criar. Desta forma, trabalho além da cooperação a expressão corporal.

No processo desenvolvido no colégio estadual Odorico Tavares, durante o estudo dos elementos teatrais, percebi o interesse dos estudantes pela maquiagem teatral.

Primeiramente exibi dois vídeos da internet que apresentavam a técnica de envelhecimento teatral com e sem a utilização do látex. O vídeo despertou o interesse geral da turma. Acordamos em ampliar a pesquisa, sendo adquirido pelo colégio os materiais necessários à prática, que foi realizada em sala de aula com pleno envolvimento dos estudantes. Todos desejavam realizar a prática aprendida na apresentação das cenas que estavam prestes a acontecer.

Os exercícios que pratico em sala de aula são simples e ao mesmo tempo complexos, pois, no enfrentamento do dia a dia tento, num ato de criatividade, deixar o cérebro livre de qualquer temor, mas arriscando algo dentro de mim para dar aos outros. Se apenas um aluno acreditar no que está fazendo no palco, os colegas poderão ser contagiados e o público irá interagir de alguma forma. Desperto a atenção do grupo a respeito da importância de manter o foco para o que estão fazendo no palco e dessa forma irão conseguir a concentração de que necessitam para desempenhar um bom papel.

A IMPROVISACÃO TEATRAL NO COLÉGIO ODORICO TAVARES

A forma que o trabalho se realizou constituiu-se no estudo sobre o teatro pedagógico, pesquisando a sua contribuição para a formação do aluno do ensino médio. Ostrower (2014) diz que o processo de criar significa um processo vivencial que abrange uma ampliação da consciência; tanto enriquece espiritualmente o indivíduo que cria, como também o indivíduo que recebe a criação e a recria para si.

O objetivo era obter conclusões no que diz respeito a importância do ensino de teatro na sala de aula e da improvisação teatral enquanto capaz de estimular o poder criativo dos estudantes. Entre jogos de integração de Spolin (1992) e atividades de expressão de Reverbel (1997) além de brincadeiras que aprendi na infância, explorei o movimento dos corpos pela sala de aula, cheia de carteiras empurradas e amontoadas para ampliar o espaço. A turma estava dividida em espectadores e atuantes. Os alunos puderam contar, algumas vezes, com a minha participação nos jogos de improvisação e nas cenas improvisadas.

Iniciando o estudo dos elementos teatrais, os alunos adquiriram os materiais necessários e conforme um acordo prévio, após manifesto desejo dos alunos, trabalhamos com maquiagem teatral para envelhecimento do personagem, de duas formas: a primeira, mais simples, apenas usando lápis para olhos, branco e preto e esfumado. A segunda, mais apurada, com uso do látex e de um secador de cabelos, era para obter um resultado mais eficaz e que denota um envelhecimento maior do personagem.

A partir da leitura da obra literária que serviu de base para a criação do roteiro das cenas, “O Largo da Palma” de Adonias Filho composto de seis novelas sendo a escolhida para a turma, o “Largo de Branco” que conta a história de Odilon e Eliane, um casal que se encontra pela primeira vez, no

hospital público, local de trabalho de Odilon, que é médico em residência. Odilon se apaixona por Eliane à primeira vista. Logo após eles se casam e Eliane tem contra esse amor a dedicação de Odilon aos seus pacientes. Ele considera a medicina como um sacerdócio e Eliane esquecida pelo marido, não suporta mais essa situação. Resolve pedir a separação. Eliane conhece Geraldo e se envolve novamente e dessa vez ela sofre muito, pois Geraldo a maltrata, trai e rouba o seu dinheiro. Eles se separam, Eliane vai morar em uma pensão no largo da Palma. Dessa vez é Eliane quem se apaixona, mas, pelo largo da Palma, seus becos, sua atividade rotineira, os pombos que brincam no largo, tudo a alegra e distrai em sua solidão. Após a decepção com Geraldo. Já haviam passados seis meses na pensão, no Largo da Palma. Eliane recebe uma carta de Odilon, pedindo um encontro com ela e após trinta anos eles retomam a relação quando Odilon diz a Eliane: vamos para casa. Neste momento é como se o Largo estivesse vestido de branco, diz o autor.

Toda a turma foi dividida em grupos formados pelos elementos teatrais, havendo um grupo do cenário, do figurino, da maquiagem, de ator/atriz e sonoplastas, que atuavam em conjunto durante toda a improvisação planejada. E após a leitura fomos conhecer o largo, (fig. 3).

A preparação transcorreu sem maiores alterações, sendo o único problema o pouco tempo que nos restava até a apresentação. Fazíamos exercícios de voz que nesta turma foi resultado de uma pesquisa que solicitei ao grupo de atores/atrizes em que cada um, como resultado da pesquisa, trouxe um exercício de voz a ser aplicado à turma, além da voz, continuamos com jogos teatrais de integração, além do aquecimento antes das atividades.

Após a leitura, exercitamos o poder da síntese e nos concentramos na ideia central de cada capítulo. Dividimos em apenas seis cenas toda a história. Procedendo à programação das cenas, na primeira, encontramos o doutor Odilon em atendimento no hospital em que chega Eliane juntamente com os familiares para conduzir o pai dela que estava passando mal. O médico fica fascinado pela jovem mas diante da situação do pai dela, que vem a falecer, ele nada diz. Pergunta o nome dela e a conforta, na segunda cena o noivado em família, Odilon declara seu amor.

Na terceira, Eliane já casada com o médico, comenta com as irmãs e a mãe que a relação não está dando certo e volta pra casa para preparar um jantar de aniversário de casamento. Odilon não aparece no horário marcado. Eliane dorme sobre a mesa e quando ele chega se assusta. Fragilizada pede a separação. Na quarta cena Eliane conhece Geraldo e os dois vão morar juntos, ela está apaixonada. Na quinta cena descobre que Geraldo roubou todo o seu dinheiro ele a espanca diante da irmã e após uma terrível briga se separam.

Na última cena Eliane está morando numa pensão no Largo da Palma, solitária e triste, mas amando o Largo, suas ruelas e os pombos que ali residem, e quando o correio chega ela recebe uma carta. A carta era de Odilon, após trinta anos sem vê-lo, marcaram um encontro na praça da igreja.

Eliane preocupada com a aparência se preparava para o encontro muito animada. Chegado o dia eles se reencontram e retomam o casamento.

A turma (1M3) é composta por alunos interessados e participativos, e que se dedicam às atividades escolares. Diferentemente, nas aulas de teatro, eles extravasam um pouco além da conta e alguns brincam demais, sem entrar no jogo. Trabalhei bastante com eles para que entendessem a necessidade de usar a energia da forma correta durante a aula de Arte.

A distribuição dos papéis foi atribulada, muitas meninas queriam interpretar Eliane, a protagonista da história. Conforme o desejo da turma, entre aplausos e gritos, escolhemos duas alunas/atrizes para atuar como Eliane. Uma faria par com Odilon e a outra, na segunda união, com Geraldo. O grupo de maquiagem estava ansioso para mostrar as habilidades, para fazer as atrizes parecerem uma com a outra e também para envelhecer Eliane na cena final, em seu reencontro com Odilon, após trinta anos.

O grupo da sonoplastia estava empenhado nas ações a serem executadas. Ouviam as músicas experimentando-as para embalar cada cena da forma mais adequada, sem fugir do clima desejado. Fui informada pela direção do colégio que haviam solicitado o espaço no turno oposto para ensaios extras.

O grupo do figurino conseguiu várias peças de roupa e fazia com que os alunos experimentassem e marcavam a peça com o nome do personagem, mostrando organização. Havia uma aluna responsável pela organização do figurino que dizia o momento das trocas de roupa.

Também o grupo do cenário estava preocupado em retratar o “Largo” da melhor forma possível, conforme vemos na figura 4, o esforço foi coletivo.

Os estudantes trabalharam com afinco e conseguiram realizar uma apresentação motivada, em que foram bastante espontâneos e criativos na presença de um público alegre, que os incentivava expressando a emoção que sentiam nas cenas mais importantes da apresentação. Terminada a apresentação, um grupo de quatorze alunos executaram uma coreografia simples, composta de movimentos alternados, em que abaixavam e levantavam seus corpos, com o objetivo de demonstrar que o amor, nesta história, venceu impedimentos que dificultava a união do casal protagonista.

LOUCOS PARA MATAR OU MORRER

Terminada a fase em que improvisavam com um roteiro prévio, passamos à segunda fase com a certeza de que estaríamos contracenando a partir de um roteiro de criação coletiva em que teriam apenas um tema proposto. O que vem a seguir é um caminho inexplicável, escolhido pelos alunos, de cenas de violência atroz (Fig. 5 e 6). Pensei e questionei os estudantes, porque tanta violência? Em quase todas as montagens que já fiz nas diversas escolas, de cenas criadas pelos alunos, em raras vezes não presenciei cenas de morte e violência e quando pergunto o motivo, eles não sabem dizer

por que escolhem esse caminho.

O drama sempre os envolve e o que penso é que os adolescentes desejam estar do “outro lado” toda vez que percebem que podem experimentar o que lhes é proibido, o que “não devem vivenciar” ou o que os pais não permitem ou o que o mundo inteiro condena, e isso acontece, acredito eu, pelo desejo de experimentar o diferente, o novo, e fazem isso com alegria, defendem a liberdade de escolha com muita energia pois, viver o lado desconhecido para eles, é de suma importância. Posso dizer que todos, sem exceção, queriam matar ou queriam morrer em suas histórias.

Acredito que a falta de harmonia das estruturas sociais, resulta na criação de uma linguagem teatral contemporânea que inverte os princípios estéticos do teatro aristotélico. Assim, a prática do ensino do teatro na escola, estará sempre influenciada por estes valores de forma inacabada, incompleta, e que por vezes produz cenas independentes.

Fonte: Acervo da autora

Trabalho esta forma expressiva, buscando as maneiras de como dispor dela em minha prática teatral em sala de aula, valorizando cada cena desenvolvida no decorrer da aula, ainda que seja pobre, sem acabamento.

Reconheço em cada uma destas cenas uma manifestação expressiva, uma forma a ser trabalhada. São pequenos momentos de criação que contém uma certa ordem, uma relação, um estímulo à leitura da teatralidade confeccionada em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o teatro e a educação tem sido interpretada de diversas maneiras, visto que ambas as áreas do conhecimento sempre foram importantes caminhos para a representação e interpretação do mundo. Considero que a arte e o teatro podem ser considerados como possibilidades de entrarmos em contato com o real sentido por trás das aparências.

As reflexões resultantes deste trabalho ora apresentado levantam questões da realidade que envolvem a prática pedagógica, e que nos conduz a uma nova postura, um novo olhar sobre os processos de investigação, e sobre a prática teatral em si. O ensino de arte-teatro na escola pública contribui sobremaneira para que os estudantes possam ser mais contributivos no processo de aprendizagem, assim como trocar experiências que enriqueceram o diálogo durante a mediação.

Alguns profissionais ainda veem a disciplina Teatro apenas como uma disciplina para o aluno “brincar” ou “relaxar” e não a reconhecem como ciência, tal como algumas áreas do conhecimento.

Durante o estudo deparei-me com algumas dificuldades, dentre elas a inadequação do espaço da sala de aula, com uma excessiva quantidade de alunos o que dificulta a minha atenção para as necessidades individuais de cada um e a impossibilidade de promover atividades integradoras com a participação de todos. Observo também, a precária disponibilidade de materiais didáticos, e a duração insuficiente das aulas, impossibilitando o desenvolvimento pleno do ensino da arte. Além disso, a visão equivocada da irrelevância do ensino de arte entre as outras disciplinas do currículo escolar. Sendo preciso romper essa concepção e para isso buscar motivação, inovação e reflexão sobre a minha prática pedagógica.

Se faz necessário refletir sobre a importância do teatro, buscando as contribuições para os adolescentes do ensino médio como parte de um método de educação ativa, através do qual se poderá tomar o peso e a medida da sensibilidade de cada aluno e, empregando os jogos de improvisação, descobrir e encaminhar, a partir da auto confiança e da autonomia adquirida, em que localiza seu centro de interesse e aprende a desenvolvê-lo. Além disso o intercâmbio social e humano que é estabelecido entre os estudantes que aprendem a se exprimir de forma simples e direta será determinante para a integração do grupo.

Sei que diante das dificuldades não devo desanimar, afinal não estou sozinha, as pesquisas nesta área, são inúmeras e revelam um nível de satisfação elevado entre os estudantes que praticam arte/teatro na sala de aula. O valor da criatividade como forma de representação mental refletida no processo ensino aprendizagem em teatro estimula a continuidade e o aperfeiçoamento da nossa atividade como propulsora da imaginação, em que fazem parte um processo de combinação de jogos de improvisação como estimulantes das cenas criadas pelos estudantes.

Na condição de educadores e também de aprendizes, temos que promover a sensibilização e o desenvolvimento dos seres humanos para que possam contribuir significativamente na transformação da realidade estimulando-os a desenvolverem a criatividade nata de tal forma que nunca a deixem submergir nos condicionamentos que a vida nos impõe, como um anjo da guarda, um anjo chamado criatividade. Não se produz criatividade com hora marcada.

Os jogos na sala de aula oferecem ao aluno a plena liberdade pessoal para experimentar e adquirir auto consciência e auto expressão através da espontaneidade que este oferece a todos indiscriminadamente. É preciso que se quebre a ideia de que o jogo serve apenas como uma atividade para divertir os alunos e que se entenda o seu conceito enquanto necessidade de todo ser humano, como condutor de valores e concepções indispensáveis.

Para que os adolescentes possam ser criativos é preciso deixar que se arrisquem, assim como também entendo que como professora preciso ser, na sala de aula, capaz de dar-lhes apoio suficiente para que não tenham que lidar com as minhas incertezas, além das deles, para que examinem as várias possibilidades da ação.

O interesse pelo aumento da criatividade no ensino exige preocupação com o fenômeno da ameaça e tudo que parece ameaçador a alguém exige atenção, sob tensão os estudantes parecem menos capazes de enfrentar problemas não resolvidos, sentem a necessidade de ter algo definido e seguro, claramente definido. Uma outra questão é o livre acesso à informação nova em vários terrenos da disciplina.

Durante o jogo o grupo precisa estar motivado a resolver determinado problema e isso significa que precisa ter a vivência, havendo a oportunidade de descarregar a tensão enfrentando diretamente o problema, sem culparem uns aos outros ou jogar a responsabilidade para um fator externo, fora do grupo. Num processo de descoberta de novas significações que não aconteceria a uma pessoa que estivesse sozinha.

Percebo que o grupo, sob a minha mediação, precisa ficar sob tensão para que sejam criadas expectativas de desempenho, discutindo constantemente se estão exercendo a atividade de maneira progressiva, gerenciando as dificuldades e os recursos de energia e tempo. Trabalhando de forma a favorecer decisões que libertem ao invés de por obstáculos.

Como professora desejo sempre fazer avaliações periódicas sem recuar ou me ater ao resultado apenas, utilizo a auto avaliação, e a avaliação cooperativa em grupo que para mim é um campo de treinamento para ajudar na formação de atitude para o aluno avaliar-se dentro da sua realidade, uma vez que a atividade teatral de improvisação é um manancial de infinitas possibilidades para uma experiência educativa carregada de oportunidades. Precisarei utilizar minha experiência para conseguir dar indicações, para julgar como os alunos estão usando as chances oferecidas.

São outros tempos e o que nos toca hoje, nem existia na arte de tempos atrás, portanto, o ensino da arte precisa confluir de acordo com os avanços, o que colocaria o nosso aluno em sintonia com o nosso tempo. Desejo que este artigo possa colaborar para a melhoria do processo ensino aprendizagem em arte/teatro, e para a mediação professor-aluno em sala de aula na busca da melhor qualidade do ensino público.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. Criatividade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 137.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHACRA, Sandra. Natureza e Sentido da Improvisação Teatral, 2ª Edição São Paulo: Perspectiva, 2010).
- CHEKHOV, Michael. Para o Ator. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1986, 2ª edição.
- KOUDELA, Ingrid. Jogos Teatrais. S. Paulo: Perspectiva, 1984.
- LARANJEIRA, Maria Inês. (Coord) Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, 30ª edição
- REVERBEL, Olga Garcia. Um caminho do Teatro na Escola. Rio de Janeiro: Scipione, 1989.
- REVERBEL, Olga Garcia. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressões. Rio de Janeiro: Scipione, 1989.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. Jogar, representar: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Trad. Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- WALLON, Henri. Psicologia da Educação e da Infância. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 1ª edição, 2ª tiragem.

APÊNDICE A: PLANO DE CURSO ANO LETIVO DE 2015 - COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES

Planejamento anual para o 1º ano do Ensino Médio em Teatro

Professora: Ana Ribeiro

JUSTIFICATIVA

Estudar Teatro através da Improvisação do Jogo e da Recepção Teatral na sala de aula, é uma oportunidade de assumir o controle da própria vida, de entender que podemos ser muitos, representando o coletivo à nossa volta. Transformamos positivamente o mundo que nos cerca, com o gesto simbolizando a vida em todas as suas nuances, falando de colaboração e de parceria, de entendimento mútuo através do jogo teatral, diz Spolin (2008, p. 12):

O próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-ator porque o é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada.

O jovem ao vivenciar o Teatro na sala de aula, compreendem a sua importância, e modificam as suas vidas. Sabemos que o teatro aliado às TIC se aproxima com mais vigor dos alunos-nativos tecnológicos, os benefícios são favoráveis à apresentação no palco. Na era da imagem lidamos a maior parte do tempo com códigos e signos, além disso, é possível criar formas e anexar a filmes e vídeos deixando escapar a diferença entre o real e o imaginário, não existe diferença entre a ficção e a realidade, tudo é possível, a verdade escapa aos nossos olhos, assim, Conforme Souza (2010, p.27):

O uso das imagens mentais é o motor que impele nosso pensamento sobre os objetos do espaço. Para colocar as malas num carro ou rearranjar os móveis de nossa casa, imaginamos as diferentes posições espaciais antes de tentar defini-las. E, naturalmente, dando às pessoas uma forma complexa em uma orientação não familiar, elas girarão a imagem até transformá-las numa orientação conhecida, uma imagem familiar.

O entendimento através da discussão em torno da criação dos diálogos, para a apresentação das cenas intensificam a pesquisa em torno da remediação teatral e também propiciam um maior entendimento da criação literária do autor Adonias Filho, obra que será tema para a criação das cenas improvisadas em sala de aula, que relata as questões da cidade de Salvador referentes àquela época, reconhecíveis através de personagens pitorescos que valorizam as nossas praças, igrejas e a espontaneidade do nosso povo.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Desenvolver a produção de aprendizagens significativas em Teatro, entre os alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Odorico Tavares, através da Improvisação Teatral e do Jogo e do estudo dos elementos teatrais unindo a teoria à prática em Teatro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar a experiência em Teatro através da Improvisação e do Jogo Teatral e da Recepção em sala de aula.
- Avaliar a influência positiva do uso das TIC, no processo ensino aprendizagem na mediação teatral.
- Demonstrar a correlação entre a Teoria e a Prática Teatral através da qualidade das interações produzidas em sala de aula.
- Conhecer e estudar os Elementos Teatrais.
- Estimular a aptidão artística dos estudantes.

CONTEÚDOS

- Estudo dos Elementos Teatrais
- Técnica da Maquiagem Teatral
- Jogo Teatral
- Improvisação Teatral
- Recepção Teatral
- Cenas improvisadas e processo criativo

MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

O aluno terá um acompanhamento contínuo, mediante avaliação das atividades que envolvem o teatro e que serão realizadas ao longo do ano letivo. O registro do desempenho abrangerá as atividades individuais e coletivas, presenciais ou semipresenciais, assim como a auto avaliação. Para tanto, será utilizada uma ficha de avaliação de desempenho, na qual serão registrados os avanços e as dificuldades nas matérias que estão fazendo parte da interdisciplinaridade.

APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO INICIAL PARA OS ALUNOS DA TURMA 1M3 DO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES

O presente questionário compõe uma pesquisa de mestrado, tendo um caráter especificadamente acadêmico em que as informações coletadas receberam tratamento percentual.

1. Você já teve experiência com alguma prática artística? Em caso positivo especifique qual.
2. Você acredita que a disciplina arte-Teatro irá contribuir para a ampliação da sua sensibilidade artística?
3. O que você espera das aulas de arte-teatro?
4. O que entende por arte?
5. Você já assistiu alguma peça de teatro? Em caso afirmativo, responda qual o seu sentimento em relação ao espetáculo.
6. Qual a sua informação a respeito dos jogos de improvisação teatral? O que sabe sobre a improvisação no teatro?
7. Qual dos elementos teatrais você mais se identifica? Explique o motivo.
8. Você acredita que ao cursar a disciplina arte-teatro você estará desenvolvendo a sua criatividade? Explique o motivo.

APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO FINAL APLICADO AOS ALUNOS DAS TURMAS 1M1, 1M2 E 1M3, DO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES

O presente questionário compõe uma pesquisa de mestrado, tendo um caráter especificadamente acadêmico em que as informações coletadas receberam tratamento percentual.

1. Qual a importância para você da experiência artística vivenciada em sala de aula durante as aulas de arte-teatro? .
2. Você acredita que a disciplina arte-Teatro será capaz de influenciar sua escolha profissional futura?
3. Você modificou seu conceito de arte após as aulas?
4. Qual o seu sentimento em relação ao espetáculo de que participou?
5. De que forma a improvisação teatral contribuiu para o processo criativo na sua turma?
6. Qual dos elementos teatrais te estimulou na construção da produção teatral? Você mudou sua opinião a respeito? Em caso afirmativo, explique o motivo.
7. Você acredita que a improvisação teatral e os jogos poderiam estar presentes nas outras disciplinas auxiliando de alguma forma o aprendizado?

APÊNDICE D – PLANOS DE AULA DA DISCIPLINA ARTE/TEATRO

PROFESSORA	Ana Lucia Ribeiro da Silva
INSTITUIÇÃO	Colégio Estadual Odorico Tavares
PROJETO	Esse corpo e essa voz tem é arte
PERÍODO	Ano letivo de 2015
PÚBLICO ALVO	Estudantes do 1º Grau do Ensino Médio
DURAÇÃO	50 minutos

TEMA: CONHECENDO OS ESTUDANTES

Objetivo geral: Promover a socialização do grupo e apresentação da proposta da pesquisa

1º momento

- Chegada, acolhida, arrumação do espaço e roda de conversa, apresentação do projeto para os alunos

Materiais utilizados:

- Quadro Branco
- Piloto

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: CONCENTRAÇÃO EM AÇÃO

Objetivo geral: Introduzir os elementos que serão trabalhados ao longo da montagem.

1º momento

Chegada e organização do espaço. Aquecimento vocal com a dinâmica “z” “s” “vi” “zi” “a” “e” “i” “o” “u”. Exercício de respiração em “s”, jogo da atenção concentração em prontidão (similar ao vivo-morto)

2º momento

- ✓ Roda de conversa sobre a aula.

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: CORPO E VOZ EM CENA

Objetivo geral: Desenvolver a primeira célula cênica dos alunos para a cena teatral.

1º momento

Chegada, acolhida, arrumação do espaço. Desenvolvimento dos exercícios de aquecimento e preparação: “aquecimento vocal utilizando o vocal frai (Boal)” “jogo do zap” ” alongamento corporal pensando nas extremidades do corpo” “leitura de recortes de jornais com variadas intenções”.

2º momento

- ✓ Exercício de respiração em “s”
- ✓ Roda de conversa sobre a aula.

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: AMPLIANDO A PERCEPÇÃO

Objetivo geral: Trabalhar a percepção e prontidão do ator em cena.

1º momento

Chegada, acolhida, organização do espaço. Desenvolvimento dos exercícios de aquecimento e preparação: “caminhada pelo espaço com foco em um ponto” “observando o espaço” “olhos fechados dizendo quantos elementos tem em sala de aula”

2º momento

- ✓ Conversa sobre a importância da visão periférica no fazer teatral.

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: COMPREENDENDO O TEXTO TEATRAL

Objetivo geral: Ter o segundo contato com o texto teatral, discutindo sobre o mesmo.

1º momento

Chegada, acolhida, organização do espaço. Exercício de respiração em “ VI ” “alongamento das articulações” leitura do final do primeiro ato e conclusão do texto.

2º momento

- ✓ Roda de conversa

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: INTERNALIZANDO O PERSONAGEM

Objetivo geral: Ter o terceiro contato com o texto teatral, utilizando a música como ambientação no espaço.

1º momento

Chegada, acolhida, organização do espaço. “Aquecimento vocal e corporal com as vogais a ,e, i, o, u” “alongamento das articulações” “leitura do terceiro ato” ” escolher falas de qualquer personagem do texto e direciona-las com intenções variadas”

2º momento

- ✓ Roda de conversa

Avaliação: A avaliação é processual e gradativa.

TEMA: MUSICALIDADE CORPORAL

Objetivo geral: Fazer a leitura do ato final, discorrendo sobre as perspectivas do texto.

1º momento

Chegada, acolhida, organização do espaço. “Aquecimento vocal e corporal com música” “dançando pelo espaço” “espreguiçando pelo espaço” leitura do ato final”.

2º momento

- ✓ Roda de conversa

Avaliação:

A avaliação é processual e gradativa.

**APÊNDICE D – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA
OBRA IMAGEM E VOZ**

Eu, _____ portador do

RG _____ nº _____ filho (a) de

_____ Residente e domiciliado

_____ Estudante do colégio estadual Odorico Tavares, autorizo a
professora de Arte do colégio **Ana Lucia Ribeiro da Silva, RG 01102188-84**, o uso de minha obra,
imagem e voz.

O presente instrumento particular de autorização é celebrado a título gratuito e exclusivo. Esta
autorização é celebrada em caráter definitivo, irretratável e irrevogável, obrigando as partes por si e
por seus sucessores, a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e as condições
estipuladas no presente instrumento.

Salvador, _____ de _____ de _____

Assinatura do estudante

Em caso de menor de idade, assinatura do responsável